



ID: 74796658

03-05-2018

DOSSIÊ. AS POLÍTICAS, GESTORAS, JUÍZAS, ADVOGADAS,

**ULHERES
INFLUENTES**

**POD
FEM**



INVESTIGADORAS E INFLUENCIADORAS NA PRIMEIRA LINHA

Não é que todas o digam desta maneira, mas parece um facto: a maioria das mulheres com quem falámos para este dossiê pensa que a elas continua a pedir-se mais e, ao mesmo tempo, a julgar-se com mais severidade os resultados que conseguem. Da lista que publicamos nas próximas páginas ressalta também outro aspecto: na realidade, a maior parte das que incluímos não pertence ainda a uma primeira linha de poder – mas nos patamares a seguir já são numerosas. A tendência parece incontornável: um dia serão dominantes.

Se todos os homens morressem hoje, por um qualquer cataclismo selectivo de género, desapareceria 48 por cento da população mundial. Mas, como sublinhou o autor Brian K. Vaughan na sua novela gráfica distópica *O Último Homem*, isso significaria mais. Representaria 495 dos 500 CEO das maiores empresas da lista da *Forbes*; 85 por cento dos membros de governos em posições ministeriais; 99 por cento dos proprietários de terras em todo o mundo; e 100 por cento de todos os sacerdotes católicos, islâmicos ou judeus.

Ou seja, em todo o mundo o poder feminino, sendo real, está a anos-luz de um qualquer esboço de igualdade. Em Portugal, os números seriam tão ou mais esmagadores. Mas, nas páginas seguintes, aquilo que há são discursos de optimismo e motivação – e a sensação de que estes são tempos de uma mudança sem recuo.

Por **Bruno Faria Lopes, Eduardo Dâmaso, Lucília Galha, Maria Espírito Santo, Maria Henrique Espada, Nuno Tiago Pinto, Sara Capelo, Susana Lúcio e Vanda Marques**

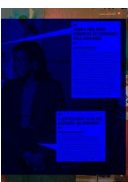
ER
ININO

**Destaque** **POLÍTICA****«
ONDE HOUE QUOTAS,
AS COISAS ACONTECEM
MAIS DEPRESSA
»»****Maria Manuel Leitão Marques**

MINISTRA DA PRESIDÊNCIA E DA
MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA, 65 ANOS

«Esta semana fui à posse de uma confederação em que numa lista grande de cargos havia uma, uma única mulher. Já não se usa. Começa a ficar mal organizações que não tenham uma representação equilibrada – não estou a dizer paritária. Essa é a melhor ajuda que podemos ter: percebermos, quando organizamos uma conferência, quando escolhemos para lugares numa comissão, que a representação equilibrada melhora a performance. E as quotas fazem sentido porque, como mostra a história de vários países onde houve quotas, as coisas acontecem mais depressa.» **MHE**





SOMOS TRÊS BONS EXEMPLOS DE LUTADORAS PELA IGUALDADE



Ana Paula Vitorino

MINISTRA DO MAR, 56 ANOS

“Sou engenheira há 33 anos. A Maria Manuel e a Francisca também já têm longas carreiras e há hoje uma diferença substancial: já não é estranho ver mulheres em posição de destaque. Mas evidentemente, se olharmos bem – dantes bastava à vista desarmada –, o poder ainda é mais masculino do que feminino. Seja nas empresas ou na política. Muito tem sido feito, mas ainda falta muito para percorrer. A maior parte dos decisores ainda são homens e tendem a resvalar para o poder no masculino. Nas escolhas e nomeações que faço, tento sempre não é cumprir um terço para mulheres, mas respeitar um terço para os homens (risos). Quer como ministra, quer antes como engenheira e líder de equipas. Não tenho problema nenhum em ir à procura de mulheres. Ainda falta muito para que os *petit comités* sejam paritários... e cá estamos nós para o fazer. Nós as três somos bons exemplos de lutadoras pela igualdade.” MHE

ALEXANDRE AZEVEDO



A JUSTIÇA HOJE JÁ SE FAZ BASTANTE NO FEMININO



Francisca Van Dunem

MINISTRA DA JUSTIÇA, 62 ANOS

“As profissões jurídicas hoje são muito femininas, as faculdade de Direito também, do ponto de vista dos estudantes. A justiça hoje já se faz bastante no feminino. As magistraturas são maioritariamente femininas, em primeira instância mais de 70% dos magistrados são mulheres, e este foi um percurso feito em 44 anos. Na segunda instância já há quase paridade e só ao nível dos tribunais superiores é que não se nota ainda. Mas é um percurso que se fará, natural e gradualmente.” MHE



Destaque

POLÍTICA

AS MENTALIDADES VÃO MUDANDO, MAS É UMA LUTA INACABADA

Ana Catarina Mendes

SECRETÁRIA-GERAL ADJUNTA DO PS, 45 ANOS

Quando António Costa a convidou para ser secretária-geral adjunta do PS, na prática, a número dois do partido a quem caberia mandar no dia-a-dia do aparelho, ela perguntou-lhe: "Mas sabe que eu tenho dois filhos?" Certamente sabia. E ela também, quando aceitou. Como o marido tem feito carreira sobretudo no exterior, tem-lhe cabido um papel mais presente junto dos filhos. Mas é pouco provável que Paulo Pedroso, recentemente nomeado para o Banco Mundial, tenha respondido ao convite com um "mas sabe que eu tenho dois filhos". "Tem de lhe perguntar", sorri.

Diz que "o facto de António Costa ter escolhido uma secretária-geral adjunta é também para dizer que valoriza o papel das mulheres na política. As mentalidades vão mudando, mas é uma luta inacabada." Ela aceitou o aparelho, foi preciso que o aparelho (uma só mulher presidente em 21 federações) se adaptasse: "Já houve momentos, felizmente muito poucos e cada vez menos, em que senti 'ah, é uma mulher'. Mais não digo."

Com o lugar, costuma dizer que lhe deram "barro para moldar, porque a figura não existia". Não gosta do termo "feminista" (o que incomoda algumas colegas de partido), embora reconheça as conquistas, mas diz-se "defensora radical da igualdade entre homens e mu-

lheres". A máquina habituou-se a uma liderança que não é de gritos, por feito – e não por causa do género.

A política não foi uma escolha imediata – foi até levada pelo irmão mais novo, já da JS, para a campanha presidencial de Jorge Sampaio –, mas não seria improvável. Afinal, vem "de uma família de matriarcas" e politizadas, desde a avó que liderou uma revolta de mulheres de presos políticos na Marinha Grande à mãe que recebia em casa gente do "contra" no pré-25 de Abril. Podia, mas diz que não coloca a hipótese de um dia ser candidata a líder do PS. Não certamente por ser mulher. **MHE**

**Elina Fraga**

VICE-PRESIDENTE DO PSD, 47 ANOS
Em apenas quatro anos, desde que foi eleita bastonária, a advogada de Mirandela acumulou polémicas - uma delas (a queixa-crime que apresentou contra todos os ministros de Passos Coelho por terem aprovado o mapa judiciário) levaria a que, em Fevereiro último, fosse vaiada quando no congresso do PSD se soube que era vice-presidente de Rui Rio. Desde então, saiu do espaço público. O Ministério Público abriu um inquérito depois de uma auditoria feita pelo seu sucessor à sua gestão na Ordem. **SC**

**Rita Faden**

CHEFE DE GABINETE DO PM, 53 ANOS
É a mulher-sombra de António Costa, há até quem num jogo de palavras lhe chame a "fada-madrinha" do primeiro-ministro. Diplomata, estudou Direito em Lisboa e cruzou-se com Costa quando ele era ministro da Administração Interna e ela directora do gabinete de Assuntos Europeus do Ministério da Administração Interna. Coordenou os esforços portugueses quanto ao acordo de Schengen. **SC**

**Mariana Vieira da Silva**

SEC. ESTADO ADJUNTA
DO PM, 40 ANOS

Socióloga, tem assento no Conselho de Ministros e, talvez mais relevante, no grupo coordenador do Executivo (tal como o pai, o ministro da Segurança Social). Tem, segundo se diz, a capacidade de acalmar o primeiro-ministro. Até nos 45 minutos por semana em que está na piscina (foi nadadora de alta competição no seu clube, o Sporting), pára para o atender. **SC**

**Inês de Medeiros**

PRESIDENTE DA CÂMARA
DE ALMADA, 50 ANOS

O pai, o maestro António Victorino d'Almeida, chama-lhe "a incrível Almadense" desde que em Outubro arrancou ao Partido Comunista o município que governava desde 1976. Em minoria, fez um acordo de governação com o PSD. A actriz e realizadora envolveu-se pela primeira vez na política como mandatária da Juventude de Jorge Sampaio em 1995. Em 2009, logo nas primeiras semanas do mandato como deputada, foi envolvida numa polémica sobre as viagens pagas pelo Parlamento a Paris, onde vivia. **SC**

**Maria das Dores Meira**

PRESIDENTE DA CÂMARA
DE SETÚBAL, 61 ANOS

Nos anos 80, Setúbal era sinónimo de férias para a advogada nascida em Lisboa em 1956. Mas a serra da Arrábida e a baía desta capital de distrito motivaram Maria das Dores Meira a abrir ali um escritório e a passar por lá alguns dias da semana. Em 2001, assumiu o cargo de vereadora e cinco anos depois substituiu o presidente. **SC**



JÁ HÁ UM
IMPOSTO
COM O
NOME DELA

Mariana Mortágua

DEPUTADA DO BLOCO, 31 ANOS

Quantos políticos (e ainda mais restrito, quantos deputados) poderão dizer que existe uma lei com o seu nome? Mariana, que completa 32 anos em Junho, pode. A sobretaxa sobre o IMI é chamada informalmente de "Imposto Mortágua". Em 2013, suspendeu o doutoramento em Inglaterra para substituir Ana Drago no parlamento, onde já fora assessora para assuntos económicos de Francisco Louçã. As perguntas incómodas a Zeinal Bava e Ricardo Salgado durante a comissão de inquérito ao caso BES confirmaram-na como uma das mais importantes dirigentes bloquistas. **SC**



Destaque POLÍTICA

Assunção Cristas

PRESIDENTE DO CDS-PP, 43 ANOS

Ministra da Agricultura e do Mar entre 2011 e 2015, lidera os centristas desde Março de 2016.

Ficou em minoria no CDS na votação da nova lei que reforça as quotas.

Era expectável. O CDS normalmente é contra as quotas, entende que são uma menorização da mulher. Eu sou pragmática e ambiciono o dia em que não precisemos de ter quotas porque as coisas já estarão equilibradas – mas ainda não chegámos lá, portanto, precisamos de quotas. E hoje já ninguém discute que temos mais mulheres na política por causa das quotas. Se deixássemos de ter a lei que temos, isto reverteria rapidamente.

Nota isso até nas mulheres do seu partido – liderado por uma mulher?

Sim. As mulheres estão social e culturalmente menos à vontade. Há razões práticas, as reuniões fora de horas, o facto de assumirem a partida que para si primeiro está o trabalho e a família e só depois a política. Mas também tem que ver com questões sociais e culturais mais profundas. As mulheres habituaram-se a ter um papel de suporte e a não estar na linha da frente.

Sente isso nas reuniões do CDS?

Sinto muito. Já há mais mulheres, mas elas não falam na mesma proporção do que eles. No período antes do congresso dizia-lhes: “Mas porque é que vocês não falam?” E a resposta é “porque eles já falaram”, “porque eles gostam muito de falar e de se ouvir”, “porque não dá para todos falarem” – nós temos uma regra de Cinderela, à meia-noite acaba a reunião.

Isso implica menos projecção: é por isso que em 44 anos de democracia tivemos apenas três líderes partidárias?

É muito pouco. Acho que sim. Notei muito isso quando convidava pessoas para os órgãos do partido, há dois anos. Era tão engraçado: eu perguntava à pessoa como é que se sentiria melhor, num órgão dirigente, a ajudar no gabinete de estudos, etc. Invariavelmente, eles diziam: “Vou, e então se é para estar quero estar num órgão dirigente.” Elas respondiam: “Estou onde quiseres e onde for preciso.” Elas são mais comprometidas e

JÁ HÁ MAIS MULHERES, MAS NÃO FALAM NA MESMA PROPORÇÃO DO QUE OS HOMENS

assíduas. Eles se for preciso faltam mais. **Alguns observadores têm dito que nos debates quinzenais o primeiro-ministro por vezes lhe dirige frases que roçam o machismo. Concorda?**

Não quero ser injusta e dizer que é isto ou aquilo, questiono-me se é por ser do CDS, por ser mulher, ou as duas coisas juntas. Mas vou passando por cima disso.

A pergunta típica: como é que concilia a política com a vida familiar...

... que vocês já fizeram aos homens [a SÁBADO publicou em 2017 um trabalho que colocava essa pergunta a vários pais, homens, na política].

... fizemos, mas não é habitual: já para as mulheres, é recorrente. Já a irrita?

Irrita-me muito e desde o primeiro dia. A conciliação trabalho-família é muito importante, mas as coisas mudam quando começarem a perguntar aos homens o mesmo.

Reiterou que quer colocar-se como candidata a primeira-ministra. Ser mulher, nesse campeonato, ainda seria uma desvantagem eleitoral?

Não sei. Da minha parte, tudo farei para que o CDS possa um dia vir a ser uma primeira escolha. Em Portugal nunca aconteceu. Acredito que não é por eu ser mulher que vá acontecer, espero que não seja por ser mulher que não aconteça. **MHE**





PAULO GALADO

Catarina Martins

COORDENADORA DO BLOCO, 44 ANOS

🔊 A atriz foi a segunda mulher a liderar um partido em Portugal. E foi também sob a sua coordenação que o Bloco de Esquerda alcançou o melhor resultado nas legislativas: 10,22% e 19 deputados eleitos.

Reconhece-se neste título de uma das mulheres mais poderosas do País ou incomoda-a que se sublinhe esta condição de “ser mulher”?

Infelizmente, o poder económico manda bastante mais do que o poder político. É uma das questões de deterioração da democracia, [com] o poder económico não se vota. A questão das mulheres acaba por ter de ser mencionada pela simples razão de que ainda há poucas em posição de representação. E, por isso, não tem que ver se agrada ou não, é preciso por ainda ser excepcional.

As quotas são a única solução?

Não são a única solução, mas são um instrumento de que não podemos prescindir.

Para se cumprirem as quotas, não haverá mulheres sem capacidade em determinados cargos?

Não há um único exemplo disso. Há muito mais homens que são escolhidos independentemente das suas condições pelo simples caso de pertencerem ao clube dos rapazes.

Crítica o facto de se perguntar às mulheres, e nunca aos homens, como conciliam a vida profissional com a pessoal.

Ao início ficava muito irritada com a pergunta. Se fosse um homem não a fa-

ziam, e sobre a minha vida privada acho que tenho o direito à reserva. Mas quanto mais penso nisso, penso que o grande problema em Portugal é não se perguntar aos homens.

Disse uma vez que por ser mulher demorou muito mais tempo a fazer-se ouvir. Como é que essa dificuldade se fazia sentir?

Quando uma mulher tem uma opinião forte é muito normal pensarem qual foi o homem que disse para ela dizer isso. O problema não está nas mulheres, no que elas pensam, na sua determinação ou no que fazem. Está em quem ouve. Não acredito que haja uma única mulher em Portugal que não sinta isso. Em todas as profissões.

Olha-se mais para a imagem das mulheres nestes cargos do que para a dos homens?

Uma maneira de limitar as mulheres, de as subalternizar intelectualmente, é dar mais importância ao seu aspecto do que às ideias políticas que defendem.

Faz sentido perguntar como seria Portugal se fosse governado por uma mulher?

Não. As mulheres pensam coisas diferentes umas das outras, como os homens. E ainda bem. O primeiro partido a ter uma dirigente mulher na democracia portuguesa foi o PSD, a dra. Manuela Ferreira Leite, com quem eu discordo. Mas acho que é ótimo que ela tenha sido líder do PSD, tornou a vida mais fácil às mulheres seguintes. E lembro-me como ela foi atacada por ser mulher, nenhum homem teria sido atacado da mesma forma como ela foi. **sc**

Destaque **DINHEIRO**

**EM PORTUGAL,
NÃO HÁ
MULHERES,
NEM HOMENS,
COM O SEU
PODER
DE FOGO**

Paula Amorim

PRES. GRUPO AMÉRICO AMORIM, 47 ANOS

► A mais velha das três filhas de Américo Amorim lidera a maior fortuna do País e um império com o nome do pai, cujos interesses incluem uma parte do líder mundial da cortiça, a principal empresa portuguesa (a Galp, de que Paula Amorim é presidente do conselho de administração), bancos em Moçambique e no Brasil, negócios agrícolas em Portugal e em África, turismo e o pequeno grupo de produtos de luxo criado por si própria.

Não tem o lado mais irascível do pai, mas Paula Amorim (que não quis falar à SÁBADO) é descrita por quem a conhece como independente, focada em objectivos e pouco aberta a desvios à sua visão das coisas. Não gosta de ser vista apenas como a herdeira de Américo Amorim, mas como a gestora por mérito próprio do universo familiar.

Começou cedo, aos 20 anos, a entrar na gestão das empresas familiares, tendo feito um género de *tour* completo. Mas também preferiu correr em pista própria, lançando em

2005 as fundações do que se tornaria na Amorim Luxury – um pequeno império de moda de luxo que inclui as lojas Fashion Clinic, 25% da Tom Ford International e a marca JNcQuoi – gerida hoje em parceria com o segundo marido, o gestor hoteleiro Miguel Guedes de Sousa (Paula tem dois filhos do primeiro casamento).

Quando o pai desistiu dos ex-cunhados como sucessores, começou a preparar mais intensivamente a filha gestora que, como afirmou Jorge Armando ao *Negoctos*, fez uma “pós-graduação em Américo Amorim” – um substituto mais que eficaz ao curso superior que não chegou a tirar. Os seus dias têm muitas horas e não é raro os fins-de-semana terem trabalho – ossos do ofício do teste em curso à sua capacidade de afirmação à frente do grupo familiar. ▶



Destaque DINHEIRO

**Elisa Ferreira**

VICE-GOVERNADORA DO BANCO DE PORTUGAL, 62 ANOS

A economista portuense chegou do Parlamento Europeu com muitos elogios e uma boa relação com o PS (pelo qual foi ministra, deputada, eurodeputada, candidata autárquica), em contraste com o mais fragilizado governador Carlos Costa. Tem o importante pelouro da supervisão prudencial dos bancos. É descrita como conciliadora, frontal e resistente. É casada e tem duas filhas. **BFL**

**Gabriela Figueiredo Dias**

PRESIDENTE DA CMVM, 51 ANOS

A primeira mulher a liderar o regulador financeiro pegou numa instituição desmoralizada pela falta de meios e pela crise na banca. Tem tentado consolidar uma equipa e reter talento (o que já a levou a criticar abertamente as cativações das Finanças). É uma pessoa discreta, que no CV descreve o seu estilo de liderança como "natural e intuitiva, sem necessidade habitual de recurso a instrumentos de autoridade". **BFL**

**Margarida Matos Rosa**

PRES. AUTORIDADE DA CONCORRÊNCIA, 45 ANOS

É a primeira mulher a liderar a Autoridade da Concorrência (AdC). Sem experiência concreta na área – o seu percurso foi no sector financeiro –, é vista na comunidade jurídica como alguém que tem conseguido aumentar a actividade da AdC contra os abusos e as distorções da concorrência (os números sobre investigações e operações de busca e apreensão confirmam-no). A AdC que lidera tem nas mãos a avaliação do maior negócio de *media* no País: a compra da Media Capital pela Altice. **BFL**

Isabel dos Santos

EMPRESÁRIA, 45 ANOS

▶ O seu poder em Portugal já foi maior. Saiu do BPI (a bom preço) de pois da batalha perdida com o Caixa Bank e, ao ser afastada da presidência da Sonangol, perdeu a influência que tinha sobre o BCP e uma boa parte da que exercia sobre a Galp, negócios de que a petrolífera angolana é accionista. Mas a empresária angolana continua a contar na economia portuguesa: lidera a NOS em conjunto com a Sonae, é a maior accionista do grupo Industrial Etacec e do banco EuroBic e mantém uma ligação à Galp (através de uma posição minoritária na Esperaza, parceira da Amorim Energia). "Tenho parceiros em quem confio e gostaria de continuar a investir em Portugal", afirmou ao *Jornal de Negócios* em Marco deste ano. **BFL**

O TRIO DE REGULADORAS INCLUI DUAS ESTREIAS FEMININAS

**Maria João Carioca**

ADMINISTRADORA DA CGD, 46 ANOS

Maria João Carioca é a mulher que mais se destaca no negócio bancário em Portugal. Foi escolhida em 2017 para a equipa de Paulo Macedo na Caixa Geral de Depósitos em plena reestruturação – sob a sua alçada estão a recuperação de créditos de empresas, o imobiliário e a área de tecnologia e de operações. Foi na consultoria de topo que fabricou as armas profissionais que usa na banca. Como ex-consultora da McKinsey (empresa exigente de onde decidiu sair quando na segunda gravidez teve contracções numa reunião de trabalho, como contou à InfoRH) e ex-aluna do INSEAD faz parte de duas poderosas redes informais na elite da gestão portuguesa. Esta é a sua segunda passagem numa administração da CGD – que lhe dá também a responsabilidade de ser presidente da Caixa Geral de Aposentações e administradora não executiva da SIBS – tendo pelo meio sido a primeira mulher a presidir à Bolsa portuguesa. É casada, tem duas filhas, com 14 e 18 anos. Fora do trabalho investe o tempo na leitura – e não só. "Quando se passa muitas horas a trabalhar e se tem duas filhas, qualquer coisa é um bom programa, mas conhecer uma cidade nova a passear com elas é um dos meus preferidos", diz à **SÁBADO**. **BFL**



Rosa Cullell

ADMINISTRADORA DA MEDIA
CAPITAL, 60 ANOS

Chegou de Espanha para gerir com mão firme o negócio que inclui o líder de audiências televisivas (TVI) e de rádio. Missão: cortar custos sem perder a liderança e tornar a empresa apetecível. Conseguiu. Trata directamente com duas ou três pessoas, impõe a sua visão, é focada e intransigente, diz uma fonte da empresa. Poderá sair se a Altice comprar mesmo a Media Capital por (uns incríveis) 440 milhões de euros. Não terá saudades dos pastéis de nata, que detesta – mas, se pudesse, levaria com ela o Tejo, que vê da janela de sua casa. **BFL**




Cristina Casalinho

PRESIDENTE DO IGCP, 49 ANOS

Lidera a equipa que gere cerca de 246 mil milhões de euros de dívida pública. Cristina Casalinho tem dois filhos, fez a maior parte do seu percurso no BPI – foi economista-chefe durante 11 anos – e passou a liderar o IGCP, a agência que gere o crédito público, em 2014. É um modelo de discrição – não fala sobre a sua vida ou carreira, apenas do trabalho do instituto. Sobre si diz que foi mais influenciada pelas instituições em que trabalhou do que o inverso, e põe a tônica na equipa. “Os resultados do IGCP resultam de um trabalho de equipa, é injusto individualizar um elemento perante o produto do trabalho de um conjunto de 90 pessoas”, responde à **SÁBADO**.

A estratégia da instituição que lidera é crucial para o País.

O pagamento antecipado da parte mais cara do empréstimo ao FMI, as recompras de dívida e os leilões de longo prazo para aproveitar os juros baixos têm sido instrumentais para baixar a factura pública com os juros – e para o brilharete no défice orçamental. **BFL** 

Destaque **DINHEIRO****Teodora Cardoso**

CONSELHO DAS FINANÇAS PÚBLICAS,
75 ANOS

Foi a primeira mulher a entrar, em 1973, para uma função técnica no Banco de Portugal. A economista que gosta de literatura e encontra equilíbrio na música clássica lidera o Conselho para as Finanças Públicas, avaliador da política orçamental. A sua voz independente tem peso nos *media* e no jogo político – e atrai fogo cerrado da actual maioria governativa. **BFL**

**Madalena Tomé**

PRESIDENTE DA SIBS, 41 ANOS

Em criança projectava ser bailarina, costuma dizer em entrevistas. A vida tomou outro rumo. Começou na matemática aplicada, fez escola na consultoria e saltou para a gestão – primeiro para a PT e depois, com apenas 38 anos, para suceder em 2015 a Vítor Bento na SIBS, a operadora de pagamentos bancários e da rede Multibanco. Gere uma área em revolução tecnológica, que toca a vida de todos os portugueses. **BFL**

**Isabel Vaz**

PRES. EXEC. LUZ SAÚDE, 51 ANOS

É “a” gestora na área da saúde em Portugal. Criou o grupo de raiz a convite de Ricardo Salgado em 1999. Em Fevereiro de 2014, meio ano antes do colapso do GES, Isabel Vaz antecipou problemas e levou para a Bolsa o negócio da saúde, para lhe dar a protecção que vem com um preço de mercado. O acionista que se seguiu, a Fidelidade (da chinesa Fosun), manteve a confiança na gestora. Lidera hoje um grupo com 23 unidades de saúde (13 hospitais), 484 milhões de facturação e 12 mil trabalhadores, a que se prepara para acrescentar mais mil pessoas. Tem dois filhos e é uma pilha de energia – fora das 12 horas diárias de trabalho gosta de viajar, ler e ir a concertos. **BFL**



RICARDO PEREIRA

Leonor Freitas

PRODUTORA DE VINHO, 65 ANOS

⦿ Tudo começou sem grandes planos de exportação, nem ideias de homenagear a casta da zona – a Castelão – ou de fazer experiências com a Syrah. Leonor Freitas foi apenas dar uma ajuda ao negócio da família – a venda de vinho a granel, depois de o pai ter morrido. A mãe – a agora famosa Dona Ermelinda Freitas – não conseguia tomar conta de tudo. Leonor começou em *part-time*, com memórias de vindimas em miúda e pouco mais. Mas passado pouco tempo deixou uma carreira na área da saúde – era assistente social – e criou a Casa Ermelinda Freitas em Fernando Pó, na região de Palmela, que hoje tem mais de 1.000 prémios, entre eles o título de melhor vinho tinto do mundo, em 2008.

Leonor Freitas recorda que no início foi complicado trabalhar numa área dominada por homens e que teve de aprender tudo sobre o negócio do vinho. “Quando comecei senti que os olhares estavam sobre mim, que não ti-

nha margem para errar. Existia uma grande expectativa sobre o meu trabalho, as minhas competências. Também não podemos esquecer que eu tinha saído do mundo rural com 10 anos e tinha feito uma formação diferente e ninguém esperaria, inclusive eu própria, voltar ao mundo vitivinícola. Portanto, eu acumulava a dificuldade de ser mulher, com a imagem de não estar preparada para este trabalho que normalmente era efectuado por homens e por quem tinha vivido sempre no meio rural ou tinha formação no sector”, diz à **SÁBADO**.

Chegou até a ter um antigo fornecedor de uvas da casa a recusar-se a trabalhar com ela. Motivo? “Não faço negócios com mulheres”, disse ele.

Foi com muita persistência e trabalho que Leonor Freitas, hoje com 65 anos, criou uma produtora que actualmente exporta para 30 países, tem 450 ha e ocupa o 6º lugar no *ranking* de prémios. “O consumidor tem-me sido muito fiel e tem reconhecido que fazemos os melhores vinhos ao melhor preço. Foi essa a minha aposta.”

Em 2009, recebeu a Comenda de Ordem de Mérito Agrícola. Actualmente tem 29 castas e produz 12 milhões de litros por ano. O conselho que deixa a uma mulher, ou homem, que queira trabalhar nesta área é: “Tem de se preparar muito bem, ter motivação e gosto pelo sector do vinho, trabalhar bastante e mais uma vez refiro: não há trabalhos para homens ou mulheres, há sim as pessoas certas para os lugares certos.” **VM**

«
**SENTI QUE
NÃO TINHA
MARGEM
PARA ERRAR**
»

Destaque JUSTIÇA

ESTAMOS A TENTAR SER MAIS MODERNOS E ACTUAIS. É UM ESFORÇO GRANDE, MAS NUNCA DESANIMO

Graça Mira Gomes

SECRETÁRIA-GERAL DO SISTEMA
DE INFORMAÇÕES
DA REPÚBLICA PORTUGUESA

► A 6 de Novembro de 2017 tornou-se a primeira mulher a liderar as secretas portuguesas. Aos 59 anos, sucedeu a Júlio Pereira, que ocupou o cargo mais de uma década. Garante que o facto de ser mulher nunca a prejudicou e que tem em curso um projecto para modernizar os serviços secretos — que, diz, são vistos como competentes e sérios pelos parceiros internacionais.

Ser a primeira mulher secretária-geral do SIRP teve um significado especial para si?

Fiquei orgulhosa de ser a primeira mulher, mas também a primeira diplomata. Foi um passo importante, mas o que interessa é que foi reconhecida a competência e a minha especialização nestas áreas. O meu percurso, nos últimos anos, tem sido muito concentrado em questões ligadas à segurança.

Mas numa perspectiva diferente.

Sim, enquanto nas anteriores funções os Serviços de Informações contribuíam para o processo de decisão político, agora participo na elaboração desse contributo. É mais especializado. Já está há seis meses no cargo. Como foi recebida e como foram estes tempos iniciais?

Muito intensos, de aprendizagem de mecanismos e de áreas de actuação específicas. Confirmei a dedicação e o profissionalismo dos funcionários do SIRP e fiquei muito agradada com os mecanismos de cooperação a nível in-

ternacional: pude confirmar que existem, funcionam e que somos reconhecidos pela competência e profissionalismo pelos nossos parceiros.

Devido aos casos como o do espião do SIS apanhado a vender segredos à Rússia há a ideia contrária.

Se não fôssemos competentes de certeza que os outros não queriam trabalhar connosco. Reconhecem-nos competência, seriedade e especialidade em determinadas áreas. Temos informação para partilhar e eles também nos dão informação. Isso é fundamental. Sem cooperação internacional é muito difícil realizarmos algumas tarefas. Estamos a falar na luta contra o terrorismo islamita internacional: a partilha de informações é chave. É importante que se saiba que trabalhamos com outros e que isso é bom. Agora importa também modernizar os serviços: renovar quadros e corresponder aos desafios tecnológicos.

Para quando essa renovação?

Está em curso. Começamos o processo no dia seguinte à minha tomada de posse. Tem sido um dos meus principais objectivos. Encontrei muitos bons recursos humanos e é uma pena que não se passe os conhecimentos para a geração seguinte. Por isso, quero acelerar as entradas dos novos funcionários.

Tem tido resposta a esses pedidos?



Para já, o primeiro-ministro deu-me alguns meios extras. Claro que gostaria de ter mais meios, mais funcionários e tecnologia, mas estamos a trabalhar com o que temos.

Os escândalos que têm afectado os Serviços tiveram consequências internas? Encontrou funcionários desmotivados?

Não. Nós trabalhamos para o centro de poder, contribuimos para a decisão política. Defendemos o Estado de direito. Quando diz que houve escândalos, para mim são situações pretéritas que prefiro não comentar. Estamos a tentar ser mais modernos, mais actuais e corresponder às orientações do primeiro-ministro. É um esforço grande, mas não notei as pessoas desmotivadas. Precisamos é de modernizar o sistema. Se lhe perguntar a si, de certeza que gostava de ter mais ordenado e mais gente a trabalhar consigo [risos]. Trabalhamos com o que temos para estar ao nível do que nos é exigido. Nunca desânimo.

Ao tomar posse disse que os Serviços não deviam ser secretos na relação com os cidadãos. Isso significa o quê?

Trata-se de uma aproximação ao público em geral, mas também aos meios científicos e académicos, aos jornalistas, para explicar o que fazemos e como actuamos sem entrar em matérias classificadas. A nossa principal tarefa resume-se em duas frases: servir os cidadãos e servir os interesses nacionais. Quando falo em "cidadãos" não são só os que estão em território

nacional, mas também os que estão por esse mundo fora, sobretudo os que vivem em países com dificuldades, como na Venezuela.

Acompanham a situação de perto?

Com certeza. Faz parte da nossa missão. Acompanhamos também as nossas forças nacionais destacadas. A partir do momento em que temos duas [forças] na República Centro-Africana, o país está no centro das nossas atenções.

Além dessas, quais devem ser as prioridades dos Serviços?

O combate ao terrorismo internacional. Não temos razões para aumentar o nível de ameaça, mas temos de acompanhar atentamente o que se passa. Temos as nossas comunidades pelo mundo, as relações com os países de língua oficial portuguesa, as ciberameaças e a cibersegurança. O Norte de África, a NATO, as relações com EUA e países com relações tradicionais fundamentais... a China, Macau, a Rússia e outros.

Para terminar: alguma vez sentiu que foi prejudicada por ser mulher?

Nunca. Sou casada com um diplomata de carreira que é embaixador em Berlim. Sempre procurámos conjugar as nossas carreiras, fomos o primeiro casal a entrar casado para o ministério e a ir para o posto juntos. Procurámos conciliar a vida familiar com a profissional. Não é fácil, mas temos de lutar por isso. **MTP**



JOÃO MIGUEL RODRIGUES

Joana Marques Vidal

PROCURADORA-GERAL
DA REPÚBLICA, 62 ANOS

🕒 No plano das ideias sobre o Ministério Público (MP), os amigos mais próximos sabem que Joana Marques Vidal é uma "filha de Cunha Rodrigues". No seu pensamento e história na magistratura, tudo converge para a defesa da autonomia e independência do MP, para a lealdade institucional. No entanto, os seus amigos também sabem que Joana sempre pensou pela sua própria cabeça e nunca hi-

poteceu a sua liberdade para divergir, ao contrário do que caracterizava a corte de Cunha Rodrigues.

O seu estilo de liderança como procuradora-geral é, por tudo isso, muito matizado pelo facto de ter crescido profissionalmente num mundo de homens, mas onde sempre impôs a sua personalidade e modo de pensar. Autoridade e diplomacia que não paralisam são os elementos-chave no estilo

de exercício de um poder que não é nem feminino nem masculino, é dela própria, como reconhecem os amigos.

Hoje, enquanto procuradora-geral da República, Joana Marques Vidal tornou-se um pólo de soberania essencial para entender a natureza do regime. A discussão em torno da natureza renovável ou não do mandato, relançada inesperadamente pela ministra da Justiça a quase um ano do fim do seu consulado e quando a própria não a considerava sequer, acabou por dar a melhor homenagem que Joana podia receber: uma grande maioria da vontade popular gostava de continuar a vê-la como procuradora-geral, o governo não quer. Se isto não é independência... **ED**



Maria Lúcia Amaral

PROVEDORA DE JUSTIÇA, 60 ANOS
Professora catedrática que dedicou toda a sua vida ao direito público e direito constitucional. Foi juíza do Tribunal Constitucional e é considerada uma das juristas mais brilhantes da sua geração. Como provedora de Justiça tem afirmado a sua eficácia e independência. **ED**



Saudade Nunes

DIRECTORA DA UNIDADE DE
COMBATE À CORRUPÇÃO, 52 ANOS
Maria da Saudade Nunes exerce uma liderança discreta, mas eficaz numa das mais importantes unidades da PJ. Foi a sólida formação jurídica e a indelével capacidade operacional que lhe têm permitido obter resultados históricos, apesar dos escassos meios humanos. **ED**



Margarida Blasco

INSPECTORA-GERAL DA ADMINISTRAÇÃO
INTERNA, 61 ANOS
Juíza desembargadora, está há muito em comissões de serviço de nomeação política. Próxima do PSD, Margarida Blasco foi a primeira mulher a dirigir uma secretaria, também já as fiscalizou e agora é igualmente a primeira mulher a fiscalizar as polícias no IGA. **ED**



Destaque

JUSTIÇA



LUSA

ELA MANDA NA GUERRA CONTRA O CRIME

Helena Fazenda

SECRETÁRIA-GERAL DO SISTEMA DE SEGURANÇA INTERNA, 61 ANOS

Magistrada do Ministério Público de carreira – onde acumulou muitos cargos de responsabilidade e direcção –, Helena Fazenda tem também uma grande experiência na direcção operacional de polícias. Foi directora da Polícia Judiciária, esteve colocada no Departamento Central de Investi-

gação e Acção Penal, onde dirigiu com grande sucesso a equipa especial que investigou e desmantelou os grupos de crime violento e organizado que espalharam o terror na noite do Porto, operação que ficou conhecida como Noite Branca. Contou aqui com a colaboração de jovens magistrados de grande qualidade, como Rui Cardoso, e polícias experientes, como Manuel Rodrigues.

Helena Fazenda licenciou-se em 1980 na Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa e começou a carreira nas comarcas da Golegã e Torres Novas. Estava muito longe de pensar, nessa altura, que chegaria a ser secretária-geral do Sistema de Segurança Interna, um lugar no qual concentra o poder de mobilização e informação em matéria de resposta ao crime violento, como aconteceu há pouco tempo no caso dos assassinatos e evasão de Pedro Dias, recentemente condenado a 25 anos de cadeia. **ED**



Maria José Morgado

DIRECTORA DA PROCURADORIA-GERAL DISTRITAL DE LISBOA, 67 ANOS

É um dos rostos históricos da justiça portuguesa. Maria José Morgado deixou a sua marca no Tribunal da Boa-Hora, onde durante anos representou o Ministério Público em julgamento.

Dali transitou para uma inesquecível comissão na Polícia Judiciária, onde liderou o combate ao crime económico e à corrupção. Incómoda como sempre, acabou por se demitir depois de um cerco político desenvolvido pelo governo de então, que tinha Durão Barroso como primeiro-ministro e Celeste Cardona como ministra da Justiça.

Morgado bateu a porta com estrondo, originando uma comissão de inquérito no parlamento, onde ficaram claras as razões políticas da saída. Daí para a frente, Maria José Morgado nunca deixou o terreno do crime económico para balizar a sua actuação. Do Apito Dourado à liderança do DIAP, Morgado tem sido incansável na afirmação da necessidade de defender o Estado de direito através da luta sem tréguas contra a corrupção. **ED**




Carmo Sousa Machado

ADVOGADA, 50 ANOS

Carmo Sousa Machado é presidente do conselho de administração da sociedade Abreu Advogados desde Abril de 2017, culminando uma carreira de sucesso na advocacia. Especialista em Direito do Trabalho, Carmo Sousa Machado licenciou-se em 1990 e foi derrubando sucessivas barreiras à afirmação da mulher, num tempo em que a advocacia era basicamente um mundo de homens. **ED**

Destaque

CIÊNCIA



◀◀

QUANDO NÃO SABIA, APOSTAVA NA SORTE OU NO INSTINTO

▶▶

Isabel MotaPRESIDENTE DA FUNDAÇÃO
GULBENKIAN, 66 ANOS

▶ Todos os dias o despertador toca às 7h15. Levanta-se cedo para ainda poder trabalhar em casa – é o seu momento sem telefones nem distrações – e depois sim, dirige-se à Fundação Calouste Gulbenkian. Isabel Mota comemora por estes dias o primeiro ano como presidente da Fundação – criada em 1956. É a primeira mulher a ocupar o cargo. “E também fui a primeira mulher a entrar para a Fundação”, acrescenta. Chegou em 1997 para ficar à frente do departamento de Orçamento, Planeamento e Controlo e dois anos depois tornou-se membro da administração.

As reuniões com a equipa, os parceiros e as viagens preenchem-lhe a agenda – mas há muito que se habituou a isso. Começou como assistente no Instituto Superior de Economia, mas logo chegou às relações internacionais. Foi subdirectora no Gabinete para a Cooperação Económica Externa do Ministério das Finanças (de 1978 a 1986), conselheira na Representação Permanente de Portugal em Bruxelas e

secretária de Estado do Planeamento e do Desenvolvimento Regional em dois governos de Cavaco Silva.

“Nunca fiz planos de longo prazo. Quando não sabia, apostava na sorte ou no instinto”, conta. Escolheu aliás Economia por exclusão de partes. “Era muito boa aluna a Matemática e a Ciências, também era boa em letras. Não sabia o que queria e então fui para o que ficava no meio.” Era uma estudante “distraída, desastrada, que perdia imensas coisas”, mas com “muita responsabilidade que me foi inculcida, talvez até demasiado.” As expectativas estavam sempre muito altas, conta. Equilibrar profissão e fami-

lia foi um desafio. Principalmente no início, numa altura em que poucas mulheres ousavam ter um percurso internacional. “Sentia uma crítica velada da maior parte dos meus amigos e amigas, que tinham miúdos da idade dos meus, no sentido de ‘ela passa mais tempo no trabalho do que em casa.’” Apesar disso, construiu uma família grande: tem quatro filhos e 10 netos.

O facto de ser mulher nunca lhe complicou os planos: “Nunca senti discriminação ou menos consideração.” Mas admite que foram as suas circunstâncias, como o bom apoio familiar, que ditaram um caminho tranquilo. “Ainda há mulheres a fazerem o mesmo trabalho que os homens e a receberem salários mais baixos. É óbvio que há aqui um problema.” MES ▶

Destaque CIÊNCIA



EXIGIU SER TRATADA COMO MINISTRA – ASSIM, NO FEMININO

Leonor Beleza

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CHAMPALIMAUD, 69 ANOS

É avessa a entrevistas, mas sobre a secretária tem sempre leituras: do *The New York Times* à revista *Nature*, *Science* ou publicações científicas relacionadas com a investigação do cancro. É boa ouvinte e gosta de uma discussão – mas é difícil de convencer.

Na faculdade estudou ainda um Direito discriminatório, do pré-25 de Abril. Mas isso não lhe abalou as convicções: é de

uma linhagem de mulheres formadas – a bisavó foi uma das primeiras médicas em Portugal. Entre 1982 e 1990, esteve no governo e na Saúde exigiu ser tratada como ministra – no feminino –, obrigando à mudança de nomenclatura. Foi a segunda em Portugal, depois de Maria de Lourdes Pintasilgo. Também esteve na Comissão da Condição Feminina e no Comité para a Igualdade das Mulheres e dos Homens no Conselho da Europa.

A saída da política, nos anos 90, foi turbulenta – esteve implicada no caso dos hemofílicos contaminados pelo vírus da sida por transfusões de sangue – e só regressaria à vida pública no novo milénio, quando se anunciou que o empresário António Champalimaud a tinha apontado como presidente da sua nova fundação. É lá que está desde o princípio – mesmo quando ainda não existia o edifício junto ao Tejo.

É feminista, mas tem um olhar complexo sobre as questões da igualdade de género: “Não alinha em lógicas fáceis de ‘agora as mulheres vão tomar conta do mundo’”, conta um antigo colega de trabalho. **MES**



Ana Pinho

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO SERRALVES, 50 ANOS

À frente da Fundação Serralves desde 2016, Ana Pinho de Macedo Silva fez carreira na banca antes de se dedicar ao museu de arte contemporânea do Porto. Economista, alimentou o gosto pela arte, herdado pelo pai, empresário do aço e um dos primeiros mecenas de Serralves, com vários cursos de arte antiga e moderna. **SL**



Maria de Lourdes Rodrigues

REITORA DO ISCTE, 62 ANOS

A antiga ministra da Educação do governo de Sócrates é, desde Fevereiro, a primeira mulher reitora do Instituto Universitário de Lisboa. Enveredou pelo ensino já tarde, depois de ter feito Sociologia. Na universidade, trabalhou num jornal e numa revista anarquistas e também organizou espólios doados à Biblioteca Nacional por militantes anarquistas. Foi julgada e absolvida por prevaricação de titular de cargo político. **LG**



Isabel Capelo Gil

REITORA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA, 52 ANOS

Adorava Física e Química e era excelente aluna a Matemática, mas escolheu Literatura. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nomeada em 2016, é a segunda mulher à frente da Católica. Fala seis línguas, cantonês incluído (esteve em Macau nove anos, até aos 16). **LG**



Destaque

CIÊNCIA

Mónica Bettencourt-Dias

DIRECTORA DO INSTITUTO GULBENKIAN DE CIÊNCIA, 45 ANOS

◀ Fez o curso de Bioquímica na Faculdade de Ciências, doutorou-se em Bioquímica e Biologia Molecular na University College London, mas tem no currículo algo invulgar para um cientista: um diploma em comunicação. Sempre achou que comunicar bem deveria fazer parte do seu trabalho. Foi por isso que, ao mesmo tempo que estudava a multiplicação das células em organismos, em Cambridge, fez também um curso de dois anos no Birkbeck College de Londres. De dois

←
**OUVIR QUE
 SE ESTÁ
 BONITA SE
 CALHAR NÃO
 FICA TÃO BEM
 A NÍVEL
 PROFISSIONAL**
 →

em dois meses, passava o fim-de-semana na capital inglesa a fazer exercícios de como escrever *press releases*. Também fez programas de rádio e de televisão. "Na primeira entrevista que fiz para a rádio aconteceu-me uma peripécia: quando cheguei a casa não tinha ficado gravada. Tive de voltar a fazê-la", conta à SÁBADO.

Está à frente do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) desde Novembro de 2017. Foi a primeira mulher a assumir o cargo. Mas não considera que seja mais difícil para uma mulher estar num cargo de direcção. "Em geral, o ambiente dentro da ciência não é discriminador", diz. Nunca sentiu preconceito por ser mulher cientista, até porque actualmente não é a única à frente de um instituto do género em Portugal, mas revela que já ouviu comentários desnecessários. "Fica bem entre amigos uma pessoa ouvir dizer que está bonita, mas se calhar não fica tão bem a nível profissional", observa. Uma das coisas que estão a fazer no IGC é estudar os comportamentos de ambos os géneros, por exemplo, em seminários. "Na [Fundação] Champalimaud fizeram uma contagem e perceberam que só 10% das perguntas eram feitas por mulheres", conta. **LG D**

**Elvira Fortunato**

CIENTISTA, 53 ANOS

A directora do Centro de Investigação de Materiais do Laboratório Associado i3N da Universidade Nova de Lisboa ganhou pela segunda vez uma bolsa de investigação milionária: €3,5 milhões do Conselho Europeu de Investigação. **SL**

**Maria Manuel Mota**

INVESTIGADORA, 47 ANOS

A directora executiva do Instituto de Medicina Molecular da Universidade de Lisboa lidera a investigação sobre o parasita da malária. Observa que as duas filhas não afectaram a sua carreira: "São dois mundos distintos." **SL**



Destaque

CIÊNCIA

Mónica Bettencourt-Dias

DIRECTORA DO INSTITUTO GULBENKIAN DE CIÊNCIA, 45 ANOS

◀ Fez o curso de Bioquímica na Faculdade de Ciências, doutorou-se em Bioquímica e Biologia Molecular na University College London, mas tem no currículo algo invulgar para um cientista: um diploma em comunicação. Sempre achou que comunicar bem deveria fazer parte do seu trabalho. Foi por isso que, ao mesmo tempo que estudava a multiplicação das células em organismos, em Cambridge, fez também um curso de dois anos no Birkbeck College de Londres. De dois

←
**OUVIR QUE
 SE ESTÁ
 BONITA SE
 CALHAR NÃO
 FICA TÃO BEM
 A NÍVEL
 PROFISSIONAL**
 →

em dois meses, passava o fim-de-semana na capital inglesa a fazer exercícios de como escrever *press releases*. Também fez programas de rádio e de televisão. "Na primeira entrevista que fiz para a rádio aconteceu-me uma peripécia: quando cheguei a casa não tinha ficado gravada. Tive de voltar a fazê-la", conta à SÁBADO.

Está à frente do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) desde Novembro de 2017. Foi a primeira mulher a assumir o cargo. Mas não considera que seja mais difícil para uma mulher estar num cargo de direcção. "Em geral, o ambiente dentro da ciência não é discriminador", diz. Nunca sentiu preconceito por ser mulher cientista, até porque actualmente não é a única à frente de um instituto do género em Portugal, mas revela que já ouviu comentários desnecessários. "Fica bem entre amigos uma pessoa ouvir dizer que está bonita, mas se calhar não fica tão bem a nível profissional", observa. Uma das coisas que estão a fazer no IGC é estudar os comportamentos de ambos os géneros, por exemplo, em seminários. "Na [Fundação] Champalimaud fizeram uma contagem e perceberam que só 10% das perguntas eram feitas por mulheres", conta. LG

**Elvira Fortunato**

CIENTISTA, 53 ANOS

A directora do Centro de Investigação de Materiais do Laboratório Associado i3N da Universidade Nova de Lisboa ganhou pela segunda vez uma bolsa de investigação milionária: €3,5 milhões do Conselho Europeu de Investigação. SL

**Maria Manuel Mota**

INVESTIGADORA, 47 ANOS

A directora executiva do Instituto de Medicina Molecular da Universidade de Lisboa lidera a investigação sobre o parasita da malária. Observa que as duas filhas não afectaram a sua carreira: "São dois mundos distintos." SL



Destaque

CIÊNCIA

Maria do Carmo-Fonseca

CIENTISTA, 58 ANOS

▶ A presidente do Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes, da Universidade de Lisboa, começou por se interessar por geologia. Maria do Carmo-Fonseca cresceu na Costa de Caparica e gostava de procurar fósseis. Racional e determinada, recuperou de um acidente grave de escalada aos 20 anos que a podia ter matado ou deixado inválida, e nem perdeu o ano na Faculdade de Medicina de Lisboa. Interessada na descoberta, licenciou-se com a melhor nota desse ano, mas nunca praticou. Preferiu a biologia celular e estuda o genoma, toda a informação hereditária codificada no ADN. Este ano, a sua equipa descobriu uma molécula que pode permitir a regeneração das células e reparar tecidos doentes. **SL**



DESCOBRIU UMA MOLÉCULA QUE PODE PERMITIR A REGENERAÇÃO DAS CÉLULAS

VASCO NEVES

**Zita Martins**

ASTROBIÓLOGA, 39 ANOS

▶ É uma das maiores especialistas em astrobiologia, a ciência que estuda as origens da vida na Terra, e não se cansa de falar em palestras dos meteoritos que estuda para também tentar descobrir vida noutros planetas. Zita Martins podia ter feito uma carreira no *ballet*, mas o programa Cosmos, do cientista norte-americano Carl Sagan, que a professora de Biologia mostrava nas aulas, convenceu-a de que queria ser cientista. No ano passado, regressou ao Instituto Superior Técnico, onde se licenciou em Engenharia Química, como professora, depois de 15 anos fora a trabalhar em vários projectos da NASA no centro de investigação britânico, Imperial London College. **SL**



ID: 74796658

03-05-2018

Destaque

INFLUENCIADORAS

NÃO SINTAM CULPA DAS VOSSAS ESCOLHAS. ISSO ACONTECE COM OS HOMENS DESDE SEMPRE

Cristina Ferreira

DIRECTORA DE PROGRAMAS DA TVI, 40 ANOS

Licenciada em História, foi professora no ensino secundário – e a seguir fez Comunicação Social e apresentação de TV, com Manuel Luís Goucha e Júlia Pinheiro. Começou em 2003 com os directos do *Big Brother 4* na TVI. Hoje tem um blogue com um milhão de visualizações/mês e é directora de programas da TVI e tem uma revista mensal com o seu nome – onde leva à capa quase quem quer. Uma entrevista transformada em testemunho

Tenho a certeza absoluta de que foi a minha infância e o início da minha adolescência que ditaram a mulher que sou. Cresci no campo, em liberdade. Passava os dias inteiros com os meus primos fora de casa, brincávamos, conversávamos, e acho que isso e ter olhado para uma mãe e um pai que se respeitaram mutuamente, que trabalharam muito, cujo valor do trabalho me passaram, fez com que eu seja a mulher que sou. Era a miúda mais tímida que podem conhecer, filha única, isolada. Tinha a TV como companhia, via desde que acordava até que me deitava. Acho até que sei o que é que o público gosta por isso mesmo. Sempre fui boa aluna.

Quando olho para o meu passado e para tudo o que me aconteceu, não vejo nada que possa ter sido uma dificuldade. Talvez porque eu tenha esta capacidade de apagar as coisas menos felizes – e isto sim foi uma construção que ao longo destes 40 anos foi sendo feita. Não acho que tenha tido grandes dificuldades. Tive, sim, foi muitas certezas. Nunca dúvidas, nunca medo. Sei cada vez mais que nada acontece por acaso. Acredito que o meu primeiro programa de *prime time* sozinha, o *Dança com as Estrelas*, me transformou enquanto mulher: foi aquele momento em que uma queda de um dos concorrentes muda tudo. Tive a sorte de algumas pessoas me terem ajudado porque a pergunta



era: “Como é que se faz televisão e como é que eu consigo passar alegria para os telespectadores quando um dos concorrentes está neste momento hospitalizado?”. A ter de escolher um momento especialmente bom, talvez aquele em que fui eleita e nomeada directora de conteúdos não informativos da TVI.

Nunca senti a pressão de ter de agradar a alguém pela forma como me visto. Eu, de alguma forma, sou excêntrica nesse sentido e já usei visuais que não foram consensuais. Gosto dessa diferença. Acho que TV é espectáculo e sendo espectáculo tem de ser dessa forma. É óbvio que há uma pressão imensa para quem trabalha em televisão, principalmente as mulheres, de ter uma imagem cuidada, de ser magra, de ser gira, não ter rugas. Estar sempre muito bem penteada, muito bem maquilhada. Eu não tenho grandes preocupações com isso.

Nunca senti que a condição feminina fosse impedimento para o que quer que seja. E isso eu devo a uma mãe que enfrentou sempre a vida de cabeça erguida, sem ter medo de fazer o que quer que fosse e de um pai que respeitou muito essa condição feminina. Está provado que é mais difícil para as mulheres, mas sempre achei que ser mulher não me iria impedir de chegar onde quer que fosse.

Não sou das que embarca na fantasia de que são as mulheres que estão a comandar o mundo. Eu não quero isso para a sociedade. Eu quero é igualdade e a igualdade não é uns serem mais fortes do que outros. Acho que as grandes mudanças têm sido construídas nos últimos anos, embora exista aqui uma geração que lutou muito para a mulher se poder divorciar, para poder sair do País sem a autorização do marido, para fumar, para votar, para todas estas coisas.

Eu acho que a maior conquista de todas, actualmente, é a de a mulher perceber que não tem de se sentir culpada pelas suas escolhas, pelas suas decisões, pelas suas opiniões, pela sua forma de vestir. Pelo facto de passar muitas horas fora de casa. Por não gostar de cozinhar. Por não achar graça à maternidade. Por querer ter um futuro completamente diferente daquele que teve a avó, a mãe, ou outra qualquer mulher na sua vida. E isso eu sinto que é o meu papel também. A mensagem que eu gosto de passar às mulheres é que não tenham culpa das vossas escolhas, da vossa vida, das vossas decisões, porque isso acontece com os homens desde sempre.



A VALORIZAR AS MARCAS NACIONAIS DESDE 2004

Catarina Portas

EMPRESÁRIA, 49 ANOS

🕒 O nome transporta-nos para um quiosque no coração da cidade, com um *mazagran* na mão. Foi a ex-jornalista que ajudou a transformar ruas de Lisboa – com os seus cinco Quiosques de Refresco (hoje há muitos mais). E é ela que desde 2004 valoriza a tradição portuguesa com a abertura da Vida Portuguesa, que junta marcas nacionais – muitas de fábricas antigas (de cosmética, doces, conservas, têxteis), que entretanto recuperaram o fôlego. **MES**

PEDRO GARCIA



Mariana Cabral

BLOGGER, 31 ANOS

São as trivialidades do dia-a-dia (o desespero que é usar *collants*, as reveladoras festas de Natal das empresas) que traz para diante da câmara com a ajuda de expressões estranhas, danças embaraçosas e vozes inventadas. O humor faz-se em pequenos vídeos partilhados no blogue (que venceu nos Blogs do Ano em 2017 na categoria de entretenimento), sob o epíteto Bumba na Fofinha; no Facebook vai em mais de 280 mil seguidores e tem vídeos com dois milhões de visualizações, um reflexo da sua influência. **MES**



Isabel Jonet

PRESIDENTE DO BANCO ALIMENTAR, 58 ANOS

Tinha 12 anos quando fez voluntariado pela primeira vez, por iniciativa da mãe que achava um desperdício passar-se três meses e meio de férias na praia. Ia até ao Hospital Ortopédico de Sant'Ana, na Parede, ler histórias às crianças. Está desde 1994 no Banco Alimentar Contra a Fome, que preside há 15 anos. Licenciou-se em Economia, trabalhou em seguros e no Comité Económico e Social de Bruxelas. Em 2012, em plena crise, esteve envolvida numa polémica depois de ter dito que “temos de reaprender a viver mais pobres” e “se não temos dinheiro para comer bifes todos os dias, não podemos comer bifes todos os dias”. **LG**



Gabriela Sobral

DIRECTORA DE PROGRAMAS DA SIC, 52 ANOS

Estreou-se na televisão como assistente de produção do programa *Rua Sésamo*, não tinha ainda 20 anos. E já passou por todos os canais. Na TVI esteve 11 anos na direcção de produção e ficção; era o braço-direito de José Eduardo Moniz, que lhe dava autonomia para escolher os elencos e confiava nela para tudo. No Verão de 2010, mudou para a SIC. Feminista assumida, garante que nunca se sentiu discriminada por ser uma mulher com poder. **LG** 🗨



Destaque INFLUENCIADORAS

A PEÇA EM TAMPÕES COM A QUAL PENSOU O FEMININO, VALEU-LHE O RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

Joana Vasconcelos

ARTISTA PLÁSTICA, 46 ANOS

Em 2012, tornou-se na primeira mulher – e na mais jovem artista – a expor a sua obra no Palácio de Versalhes, em Paris (foi a exposição mais visitada dos últimos 50 anos). Itália, São Paulo, Veneza e Reino Unido são outros países e cidades onde já mostrou o seu trabalho. Afirma querer com as suas obras pensar o mundo moderno *versus* passado – e também põe em confronto o artesanal e o industrial ou o popular e o erudito, com recurso aos materiais mais variados: do croché ao alumínio ou vidro. Também pensa o feminino: aliás, foi com a *Noiva* – conjunto de tampões que formam um gigante lustre – que ganhou reconhecimento internacional na 51ª Bienal de Veneza, em 2005. **MES**



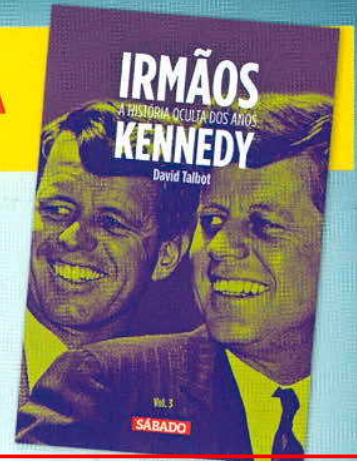
Nádía Piazza

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DAS VÍTIMAS DE PEDRÓGÃO GRANDE, 40 ANOS

Nascida no Brasil, estava na Irlanda a trabalhar num projecto sobre pesca sustentável para a Câmara de Figueiró dos Vinhos, onde trabalha como jurista e consultora, quando no incêndio de 17 de Junho de 2017, em Pedrógão Grande, perdeu o filho Luís, de 5 anos, o ex-marido e a sogra. Fundou a Associação de Vítimas do Incêndio de Pedrógão Grande – para representar os familiares das vítimas do fogo – tornando-se voz da sociedade civil. Aceitou participar no programa do CDS sobre o Interior, o que lhe valeu algumas críticas. Mas diz-se apartidária. **LG**



GRÁTIS 3.º LIVRO DA BIOGRAFIA
**IRMÃOS A HISTÓRIA OCULTA
 DOS ANOS KENNEDY**



SÁBADO

www.sabado.pt N.º 731 - SEMANAL - 3 A 9 DE MAIO DE 2018 - €3,50 (CONT.)



DOSSIÊ ESPECIAL DE 23 PÁGINAS

AS 50 MULHERES MAIS PODEROSAS

Entrevistas a Assunção Cristas e Catarina Martins. Conversa inédita com Graça Mira Gomes, a chefe das secretas. O testemunho de Cristina Ferreira. Os perfis das profissionais mais influentes

TODOS OS NEGÓCIOS SOB A TUTELA DO EX-MINISTRO

As ligações perigosas de Manuel Pinho

